

ESPÍRITO SANTO DO PINHAL - S. P.

1º) HISTÓRICO DO MUNICÍPIO

Espírito Santo do Pinhal, teve o início de sua civilização na primeira metade do século passado, quando, ROMUALDO DE SOUZA BRITO, vindo de Moji das Cruzes, aqui se dedicou à agricultura, juntamente com outros membros de sua família. Verificando-se, entretanto, uma demanda sobre a posse de uma parte de suas terras por outros agricultores que aqui se estabeleceram, Romualdo de Souza Brito e sua esposa d. Thereza Maria de Jesus resolveram solucionar definitivamente a questão, fazendo doação das terras em litígio para formação do patrimônio do Divino Espírito Santo, conforme escritura pública lavrada a 27 DE DEZEMBRO DE 1849. Essa doação compreendia 40 alqueires retirados da Fazenda PINHAL, pertencente à freguesia de Moji Guaçu, fato esse que deu origem ao nome de ESPÍRITO SANTO DO PINHAL.

SOLOS —

Os solos de Pinhal, em sua maioria, se originam de rochas predevonianas de complexo cristalino, granito, micaxisto, etc. formações rochosas que são encontradas nas regiões das Serras do Mar e Mantiqueira. A topografia dos solos locais se apresenta acidentada. Massapésalmourão é um dos tipos de solo bastante fértil e considerado como um dos melhores para a agricultura. Segue-se em proporção bem menor, o solo gracial, de boa topografia. Nos seus limites com o Estado de Minas Gerais, encontram-se as regiões mais acidentadas do Município, caracterizadas pela existência de serras como as do Bebedouro e Boa Vista.

À medida que se aproxima dos Municípios de Aguai e Moji Guaçu a topografia é menos acidentada. Em linhas gerais, as terras do Município são férteis e o clima predominante é o característico de montanhas.

2º) DATAS IMPORTANTES

- a) FUNDAÇÃO — 27 DE DEZEMBRO DE 1849
(aniversário da cidade)
- b) CRIAÇÃO DO DISTRITO — 24 DE MARÇO DE 1860
- c) CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO — 09 DE ABRIL DE 1877
- d) ELEVAÇÃO A CATEGORIA DE CIDADE — 10 DE MARÇO
DE 1883
- e) CRIAÇÃO DA COMARCA — 28 DE MAIO DE 1881
- f) INSTALAÇÃO DA COMARCA — 30 DE OUTUBRO DE 1884

LOCALIZAÇÃO

Pinhal situa-se na Região Sul do País (Estado de São Paulo) e está localizada dentro das seguintes coordenadas geográficas:
22º 11' 00" de LATITUDES SUL e
46º 45' 00" de LONGITUDES W Gr.

Departamento de Cultura e Turismo
Departamento de Cultura e Turismo

Quando de Procedia Romualdo de Souza Brito de Mogi das Cruzes, acompanhado de outros membros da sua família, alguns anos depois do Grito do Ipiranga. Era filho de Alexandre de Souza Brito e de D. Gertrudes Maria da Conceição e neto de José de Souza Pinto e de D. Ana da Cunha Cardoso, esta descendente do semeliro Antônio da Cunha Abreu, de Ruy-
maça, do nosso território, com a evolução de Mogi-Mirim e de Mogi-
Guapeçê começou a povoar-se, e já em 1.882, data da proclamação da nos-
sa Independência, numerosos eram os colonizadores que, atraídos e es-
tafetos terras dadas, aqui se haviam estabelecidos, vendendo seus pro-
dutos e abastecendo-se naquelas freguesias. Em 1.894, já em
plena a Vários anos, os produtores do nosso território chegaram a 1.849 e
poucas as fazendas existentes no território. Em 1.849 e
Cobroslândia, pela sua áreas fazendas Sertãozinho e Pinhal,
esta coberta da densos pinheirais, que lhe emprestaram o nome. Pinhal
de Romualdo de Souza Brito, um dos Donos da Fazenda Pinhal, pro-
riedade que vinha sendo disputada por diversos colonizadores da Fazen-
da Sertãozinho, ignorava-se a que título, iniciando portanto a derrubada
dos pinheiros existentes na atual praça da Independência ou da Ma-
triz, para plantar milho, foi obrigado a interromper o serviço em vir-
tude dos gritos de desafio e dos tiros de espingarda e trabucos, que



Departamento de Cultura e Turismo

182
D. Thyrza Maria de Jesus

lhes foram dirigidos.

Espírito profundamente equilibrado, Romualdo foi tomado de súbita inspiração. Declarou que não mais faria a roça, mas que doaria ^{havia} suas partes ao Divino Espírito Santo, uma sorte de terras de 40 alqueires, para patrimônio afim de que, no mesmo lugar onde ocorreu o incidente, fosse erigida uma capela.

Em 27 de Dezembro de 1.849, pelo notário da então freguesia de São João da Boa Vista, José Antonio de Abreu e Silva, por solicitação dos doadores Romualdo de Souza Brito e sua mulher, foi lavrada no livro 4.0, às folhas 52 e v. a escritura de doação. X nos seguintes termos:

- "Saibam quantos este publico instrumento de escriptura publica de doação virem, que no anno do nascimento de NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO de Hum mil oitocentos e quarenta e nove, vigessimo oitavo da Independência do Brasil, aos vinte sete dias do mez de Dezembro do dito anno, n'esta freguesia se São João da Boa Vista, termo da cidade de Mogy-Mirim e provincia de São Paulo, em casa de morada de Romualdo de Souza Brito, onde eu escrivão de paz e tabellião foi vindo para passar a presente escriptura, ahi estava presente os ditos Romualdo e sua mulher Thyrza Maria de Jesus, ambos de mim conhecidos pelos proprios de que tracto, e dou fé, e por elles outorgantes marido e mulher, foi dito perante duas testemunhas abaixo assignadas, que elles outorgantes são senhores de duas partes de terras de cultura na fazenda denominada Pinhal, cabeceira do ribeirão dos Porcos, no districto da freguesia de Mogy-Guassú, de cujas partes de terras fazem doação de quarenta alqueires, para servir de patrimonio da capella do Divino Espirito Santo, que se intenta fundar no dito lugar, cuja doação de quarenta alqueires de terras fazem muito de suas livres vontades, sem constrangimento algum, nem elles nem seus herdeiros poderão derogar ou annular esta doação em tempo algum e elles outorgantes doadores, declaram que em dito terreno dos quarenta alqueires de terras, que ora dão para dito patrimonio, reservam para si cento e vinte palmos de frente e seus competentes fundos, para seus edifficio em qualquer lugar que lhes for mais comodo; bem assim reservam mais sessenta palmos de frente e seus competentes fundos, para se edifficar uma casa de morada para o vigario que alli for residir e todos os mais moradores que alli se quiserem arranchar pagaram fóro de cem réis por braça annualmente, sendo applicado para as dispensas d'aquella egreja, e portestam de a todo tempo que se mover alguma duvida em dito terreno, delles outorgantes doadores, fazer boa, firme e valida a dita doação, livre e desembaraçada de qualquer duvida que por ventura se mova. E de como assim o disseram e outorgaram e pediam a mim tabellião que lhes accettasse suas outorgas, e lavrasse a presente em minha nota. Eu como pessoa publica, lhes accettei e laurei a presente, que



Departamento de Cultura e Turismo

3

lida aceitarão e assignaram, sendo a rogo da doadora Thereza Maria de Jesus, Manuel José Gomes de Abreu, sendo testemunhas presentes: José Luis de Andrade e José Garcia de Oliveira Filho, depois de lida por mim José Antonio de Abreu e Silva, Tabelião, que escrevi em publico e raso. O tabelião José Antonio de Abreu e Silva, Romualdo de Souza Brito, Manuel Gomes de Abreu, José Garcia de Oliveira Filho, José Luis de Andrade. N. o 160 réis, pagou de sello 160 réis. São João da Boa Vista, 27 de Dezembro de 1.849. - André - D'esta 240 réis.

- 13 de Fevereiro de 1.850 - Capela Curada.

Protetores da capela, Romualdo de Souza Brito, Joaquim Corrêa e José Romualdo, contrataram a sua construção por 200\$000, inclusive a ereção de um altar provisório.

Atendendo às solicitações dos moradores, o então Bispo de São Paulo, de acordo com o presidente da Província, padre Vicente Pires da Motta, concedeu em 13 de fevereiro de 1.850, a denominação de Capela Curada à povoação nascente.

Nesse ano, poucas eram as moradias existentes. Em 25 de agosto de 1.851, um ano e poucos meses mais tarde, segundo depoimento sobre a origem e fundação da capela, de Francisco Pereira Machado, tabelião em São João da Boa Vista e que aqui residiu.

- 25 de Dezembro de 1.851 - Primeira Missa.

Chegando ao conhecimento de Romualdo que na localidade, vizinha, denominada Abertião, em casa de D. Luiza, mãe de um tal Sero-lote, encontrava-se o padre Manuel José de Faria, vulgo "chapeu de junco", dirigiu-se o patriarca àquela localidade em companhia de Manuel Pereira dos Reis a fim de convidar o ministro de Deus a celebrar, no dia 25 de Dezembro de 1.851, a primeira missa na capela, bem como officiar nos dias seguintes até 1º de Janeiro de 1.952.

- 24 de Março de 1.860 - Freguesia.

Com o crescimento da povoação, que aumentava constantemente com a chegada de adventícios, atraídos pela uberdade do solo, tra



Departamento de Cultura e Turismo

3

taram seus moradores de obter a elevação do arraial a freguesia, o que ocorreu pela Lei n.3, de 24 de Março de 1.860, sancionada pelo Dr. José Joaquim Fernandes Torres, presidente da Província.

Pela referida Lei de 24 de Março de 1.860, Pinhal foi criada paróquia de Mogi Mirim.

- 6 de Fevereiro de 1.867 - Fundação de Nova Louzã.

A nossa terra teve o privilégio de, muito antes da abolição da escravatura em nosso país, possuir um núcleo de trabalhadores livres. E quanto ao trabalhador escravo, um mês antes de haver a princesa D. Izabel sancionado a lei libertadora, já havia sido abolido, nas terras do Espírito Santo, o regime da servidão.

- 9 de Abril de 1.877 - Elevação a Vila e Município.

Prosseguia seguro, embora lento, o progresso da povoação. Novos moradores e novas residências vieram juntar-se aos existentes. A não ser um ou outro acontecimento, peculiar a todas as coletividades, nenhum fato de importância, na última década, perturbou o sossego que existia nas terras do Espírito Santo.

É bem certo que continuavam as questões nas divisas com a Província de Minas. Essas questões, que só neste século foram satisfatoriamente dirimidas, eram motivo de contínuo sobressalto dos moradores da fronteira, cujas preocupações, desejos e dúvidas originavam frequentes conflitos de jurisdição entre as duas grandes províncias.

Em 13 de Abril de 1.874, espelhando as preocupações dos moradores da zona fronteira, os habitantes da povoação mineira de São Sebastião do Jaguari, limítrofe da de Pinhal, requereram à Câmara Municipal de Mogi Mirim, a demarcação das divisas, consoante representação existente na Repartição de Arquivo de São Paulo.

Se a vida corria calma na freguesia, no coração dos seus habitantes era ardente o desejo de emancipação da tutela de Mogi Guaçu e de Mogi Mirim, cujos dirigentes, à medida que esse sentimento avolumava-se, maior resistência opunham a que se concretizasse essa legítima aspiração, temerosos que a perda do nosso rico e fértil território afetasse, de modo profundo, o seu comércio e a auferição das rendas públicas.



Departamento de Cultura e Turismo

Firmes no seu propósito, que o regionalismo alimentava, os pinhalenses, tendo à frente o capitão José Ribeiro da Motta Paes, mais tarde Barão de Motta Paes, cuja tenacidade e amor a esta terra não conheciam limites, conseguiram finalmente a elevação da freguesia a villa pela Lei n. 17, de 9 de Abril de 1.877, do teor seguinte:

"Faço saber a todos os habitantes desta Província de São Paulo, que a Assembléa Legislativa Provincial decreta e eu sancção a lei seguinte:

Art. 1º- Fica elevada a Villa com as suas actuaes divisas a Freguesia do Espírito Santo do Pinhal.

Art. 2º- Revogam-se as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e a execução da referida lei pertencer que a cumpram e façam cumprir inteiramente como nella se contem. O secretario desta Província a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palácio do Governo, em São Paulo, aos 9 do mez de Abril do anno de 1.877. Sebastião José Pereira."

As divisas ficaram assim constituidas: Começavam na fazenda Eleutério, no lugar denominado Estiva; seguiam pelos limites da fazenda Eleutério até o rio Mogi Guaçu e prosseguiam por este abaixo até o rio Manso; deste com rumo à fazenda do finado João Domingues e dessa fazenda à do Quilombo; daí seguiam a uma ponta do ribeirão dos Porcos, na fazenda do capitão João José Ribeiro; seguiam daí pela estrada que ia à fazenda Manteiga até o rio Jaguari e por este acima até as divisas com a província de Minas Gerais, prosseguindo por estas até o ponto de partida.

- 20 de Abril de 1.879 - Posse dos primeiros vereadores.

Em 20 de Abril de 1.879, em cumprimento a determinações do Governo da Província, tomou posse a primeira Câmara Municipal de Pinhal.

- 28 de Maio de 1.881 - Criação da comarca do Espírito Santo.

A Lei n. 62, de 28 de Maio de 1.881, sancionada pelo Presidente da Província, senador Florêncio Carlos de Abreu e Silva, criou a comarca do Espírito Santo, com o município do termo da Penha do Rio do Peixe, hoje Itapira. A comarca foi instalada em 1.883 nesta últi-



Departamento de Cultura e Turismo

ma localidade e ali funcionou até 1.892, quando pela Lei n. 80, de 25 de Agosto de 1.892, Itapira instalou sua própria comarca.

- 10 de Março de 1.883 - Elevada a Vila do Espírito Santo a categoria de Cidade.

A vila do Espírito Santo foi elevada à categoria de cidade pela Lei Nº 14, de 10 de Março de 1.883, sancionada pelo conselheiro Francisco Soares de Carvalho Brandão, presidente da Província.

Em consequência, foram nomeados juiz municipal togado o Dr. Paulo Machado Florence e primeiro escrivão de hipotecas José Lourenço de Sá.

A nova denominação dada à vila do Espírito Santo revelava a sua importância, atestava o seu progresso. Verifica-se a sua elevação à categoria de cidade um lustro apenas após a sua elevação a vila, ocorrida em 9 de Abril de 1.877.

É importante e interessante saber que até 3 de Abril de 1.849 apenas oito eram as cidades paulistas, exclusive a capital: Santos, Taubaté, Itu, Campinas, Sorocaba, Guaratinguetá, Paranaguá, e Curitiba (estas duas últimas desmembradas da Província de São Paulo em 1.853, ao criar-se a Província do Paraná).

A elevação a comarca, com funcionamento junto ao termo de Itapira, forçoso é ainda notar, que se de uma parte dava, à população da nova cidade do Espírito Santo do Pinhal, a autonomia ambicionada, de outra parte submetia-se a severas contingências de tempo e de espaço, ferindo-a na sua economia, própria e na sua independência política.

- 16 de Abril de 1.888 - Libertação dos Escravos.

Complemento natural da abolição da escravatura em nosso país foi a proclamação da República. Estes dois acontecimentos vieram consolidar a nossa independência proclamada no dia 7 de Setembro de 1.822, nas margens do Ipiranga.

No apagar das luzes do Império, abolicionistas e republicanos irmanavam-se e congregavam-se para a glória de uma nova era.

O Dr. José de Almeida Vergueiro, grande abolicionista, na memorável sessão da Câmara verificada em 7 de Janeiro de 1.888, pro



Departamento de Cultura e Turismo

pôs que a edilidade oficiasse aos lavradores do município, convocando uma reunião para o dia 2 de Fevereiro, quando seria tratada a libertação dos escravos existentes, em número de 1.035.

A reunião teve lugar no dia mencionado, obtendo a proposição a aquiescência de todos, ficando marcado o dia 16 de Abril de 1.888 para a proclamação da libertação dos escravos existentes no município de Pinhal.

No dia 16 de Abril de 1.888, grandes festejos populares comemoraram o magnífico acontecimento que se verificava precisamente vinte e oito dias antes da abolição da escravatura em nosso país, vinte e oito dias antes que a princesa D. Isabel, a Redentora, sancionasse a lei abolindo no Brasil o regime da servidão.



Departamento de Cultura e Turismo

LOCALIZAÇÃO DE ESPÍRITO SANTO DO PINHAL

Localiza-se ao Leste Paulista, limitando-se com os municípios de Mogi Guaçu, São João da Boa Vista, Aguaí, Itapira, Santo Antonio do Jardim, Jacutinga, (este último no Estado do Minas Gerais).

Espírito Santo do Pinhal é servido pela rodovia SP. 340, SP. 342, SP. 346.

CLIMA E ECONOMIA

Possui um clima temperado, o que favorece a Agricultura de café, milho, cana de açúcar.

Indústrias aqui instaladas são de produtos alimentícios, máquinas agrícolas, confecções, calçados, e outras de pequeno porte.

O comércio aqui localizado é de natureza atacadista e va regista.

A Pecuária já é considerada a maior bacia leiteira da região.



Departamento de Cultura e Turismo

IGREJAS E SEMINÁRIOS (HISTÓRICO E DATAS)

O SEMINÁRIO "NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO"

O Seminário "Nossa Senhora da Assunção", pertence à Congregação Religiosa dos Agostinianos da Assunção, ou, simplesmente, Assuncionistas. É um estabelecimento, em que se visa o encaminhamento e orientação dos jovens católicos na descoberta de sua vocação para a vida religiosa e ou sacerdotal. Desta forma a formação fundamental, que se pretende dar aos jovens vocacionados, é uma formação humana e cristã.

Por volta de 1.957, os Assuncionistas compraram aqui em Espírito Santo do Pinhal um sítio situado à estrada da Areia Branca, a 2 Km do Centro da cidade. O sítio fazia parte da antiga fazenda "Nova Cintra".

E já vieram os primeiros assuncionistas estabelecendo-se aqui na cidade, preparando terreno de trabalho e da construção do prédio do seminário. Estes primeiros religiosos da Assunção eram os padres Henrique (Eusébio), Damião (atualmente vigário da paróquia do Sagrado Coração de São João da Boa Vista), Teodoro Vam Oyen (agora vigário da paróquia de São Sebastião, Andradas, MG). Veio também o Padre Antonio Homan, que, em pouco tempo, se tornou estimado e querido do povo.

Mas, no início, tudo era difícil. Os primeiros assuncionistas, que eram holandeses, encontraram até uma certa hostilidade. Alguém gritou na Câmara Municipal: "Que estes holandeses vão plantar batatas em sua terra".

A situação Hostil, porém, não durou muito.

O procedimento simpático e delicado destes primeiros assuncionistas conseguiu conquistar não só a amizade dos pinhalenses, mas também a colaboração de muitos, ajudando a construção do Seminário.

O prédio começou a ser construído no terreno adquirido, um velho cafezal, ainda cheio de buracos deixados pelos velhos pés de café arrancados.

Em 1.961, a primeira parte do Seminário estava quase pronta. Já veio a primeira turma de 21 jovens. E com eles vieram mais padres. Vieram o padre Teodoro Peters (hoje padre Teodorinho), o padre Cristóvão (agora vigário de uma paróquia na Holanda), o padre Mateus (já falecido), o Irmão Estevão (o barbudo), o padre



Departamento de Cultura e Turismo

INFRA ESTRUTURA (COMÉRCIO E ATENDIMENTO)

Espírito Santo do Pinhal, hoje oferece uma gama muito grande de atividades e prestação de serviços à comunidade pinhalense.

Instalou-se aqui um bom comércio atacadista e varejista, que oferece ao povo muitas opções de compra, alimentos, vestuário, calçados, souvenirs, e artigos para presentes.

Já no tocante à indústria, encontramos aqui as que mais se destacam como a Angelo Aurichio e Cia Ltda, (produtos OLÉ), Irmãos Ribeiro Exportação e Importação de Café Ltda, Casaleccini Móveis Ltda, Engenho Velho Indústria Alimentícia Ltda, Indústria de Máquinas Agrícolas Pinhal S/A, estas como sendo de grande porte, e as de médio porte como Indústria de Calçados Gimis Ltda, Indústria e Comércio de Esquadrias Metálicas Scanapieco, TROPIC-ART Artefatos de Madeira e Metais Ltda, bem como também as de pequeno porte como Irmãos Porreca, Irmãos Pereira (Indústria de Aguardente), Belli e Cia Ltda, (Artefatos de Couro em geral), e etc...

Aqui enumeramos apenas algumas das 33 indústrias instaladas em nosso município, que vêm trazendo divisas e empregando muitos pinhalenses.



Departamento de Cultura e Turismo

CLUBES DE ESPÍRITO SANTO DO PINHAL

- SOCIEDADE RECREATIVA ESPORTIVA PINHALENSE:

Praça da Independência, 358

Telefone: 51-1812

DADOS:

a- Fundação: 18 de Abril de 1.895

b- Área: 1.200 M/2 de construção

c- Sócios: 600 contribuintes

400 sócios proprietários

1.000 Total de Sócios

d- Filiação: Não possui

e- Finalidades: Sócio-Esportivo-Cultural

f- Dependências: 1 Cassino

1 Salão de Jogos

1 Quadra Poliesportiva

1 Piscina Padronizada

1 Piscina Pequena

1 Discoteque

1 Salão de Bailes

1 Restaurante



Departamento de Cultura e Turismo

- ESPORTE CLUBE COMERCIAL:

Rua Barão de Mota Paes, 205

Telefone: 51-1026

DADOS:

a- Fundação: 27 de Novembro de 1.937

b- Área: 1 Alqueire

Área: 2.000 M/2 construído

c- Sócios: 1.500 Contribuintes

500 Beneméritos

2.000 Total de Sócios

d- Filiação: Não possui

e- Finalidades: Sócio-Esportivo-Cultural

f- Dependências: 1 Salão de Bailes

1 Cassino

1 Bar

1 Salão de Televisão

1 Piscina Padronizada

1 Piscina Pequena

1 Quadra Coberta

1 Sauna Completa

1 Campo de Futebol



Departamento de Cultura e Turismo

- CLUBE DE CAMPO CACO VELHO:

Rod. SP; 342 Km 203 - Bairro do Triângulo

Telefone: 51-3122

DADOS:

a- Fundação: 03 de Outubro de 1.962

b- Área: 10 Alqueires

Área: 5.000 M/2 construído

c- Sócios: 900 Sócios Proprietários

d- Filiação: Não possui

e- Finalidades: Sócio-Esportivo-Cultural

f- Dependências: 2 Estacionamentos

1 Piscina Olímpica

2 Piscinas Pequenas

1 Stand de Bochas

2 Quadras de Tênis

1 Pista de Bicicross

1 Sede Social

1 Campo de Futebol

1 Campo de Futebol Suíço

4 Açoude

3 Poços Artesianos

1 Bosque

1 Barracão para Churrasco

2 Casas de Zelador

1 Portaria

2 Vestiários Completos



Departamento de Cultura e Turismo

- GINÁSIO PINHALENSE DE ESPORTES ATLÉTICOS:

Rua Oliveira Mota (Av.), 01

Telefone: 51-1070

DADOS:

a- Fundação: 17 de Julho de 1.937

b- Área: 1.000 M/2 de construção

c- Sócios: 1218 Contribuintes

220 Beneméritos

1438

d- Filiação: Federação Paulista de Futebol

Federação Paulista de Voleibol

Federação Paulista de Basquetebol

e- Finalidades: Desportiva-Social-Cultural

f- Dependências: 1 Salão de Bailes

1 Sala de Televisão

1 Salão de Jogos

1 Restaurante

1 Discoteque

1 Salão completo de Sauna

2 Secretarias

1 Biblioteca

1 Bar



Departamento de Cultura e Turismo

- ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA BANCO DO BRASIL:

Rod. SP. 342 Km 203 - Bairro do Triângulo

Telefone: Não possui

DADOS:

a- Fundação: Maio/79

b- Área: 2,42 Hectares

Área: 628 M/2 Construído

c- Sócios: Flutuante, em torno de 60 funcionários

d- Filiação: Não possui

e- Finalidades: Lazer-Social

f- Dependências: 1 Quadra Poliesportiva

1 Piscina Padronizada

1 Campo de Futebol Suíço

1 Sede com: Sala de Jogos

Biblioteca

Cozinha

Dispensa

Bar

Playground

1 Casa de Zelador

1 Quiosqui



Departamento de Cultura e Turismo

- CLUBE RECREATIVO ESPORTIVO E CULTURAL BANGU:

Rua Francisco Glicério, 34

Telefone: 51-1915

DADOS:

a- Fundação: 15 de Agosto de 1.930

b- Área: 330 M/2 construídos

c- Sócios: 50 Contribuintes

10 Beneméritos

60 Total de Sócios

d- Filiação: Não possui

e- Finalidades: Sócio-Cultural-Lazer

f- Dependências: 1 Salão de Bailes

1 Secretaria

1 Bar



Departamento de Cultura e Turismo.

- VASCO DA GAMA FUTEBOL CLUBE:

Rua Francisco Glicério, 372

Telefone: 51-1971

DADOS:

a- Fundação: 1 de Maio de 1.940

b- Área: 500 M/2 construídos

c- Sócios: 120 Contribuintes

30 Beneméritos

150 Total de Sócios

d- Filiação: Não possui

e- Finalidades: Filantrópico

f- Dependências: 1 Salão de Bailes

1 Bar

1 Sala de Televisão

1 Cassino



Departamento de Cultura e Turismo

- CLUBE DE CAMPO PINHAL:

Rod. Mogi Guaçu à Andradas

Telefone: Não possui

DADOS:

a- Fundação: 15 de Novembro de 1.979

b- Área: 28.000 m/2

Área: 200 m/2 Construído

c- Sócios: 100 Proprietários

8 Contribuintes Familiares

12 Contribuintes Atletas

120 Total de Sócios

d- Filiação: Não possui

e- Finalidades: Sócio-Cultural-Esportivo

f- Dependências: 1 Campo de Futebol

2 Vestiários

1 Salão de Jogos, Sede

1 Piscina em construção

1 Casa de Zelador



Departamento de Cultura e Turismo

RESTAURANTES

- DA RECREATIVA
Comercial e A La Carte
Praça da Independência, 328
Telefone: 51-1812
- G.P.E.A.
Comercial e La Carte
Av. Oliveira Mota, 01
Telefone: 51-3578
- MASS-ELLI
Pizzaria e Chopperia
Rua Marquês do Herval, 339
Telefone: 51-3218
- PAP'S
Comercial e A La Carte
Av. Oliveira Mota, 39
Telefone: 51-2099
- A PAULICÉIA
Comercial e A La Carte
Praça da Independência, 91
Telefone: 51-1338



Departamento de Cultura e Turismo

HOSPITAIS E POSTOS DE SAÚDE

- HOSPITAL FRANCISCO ROSAS

Rua Teixeira Rios, 210
Telefone: 51-1131 e 51-1943
Data de Fundação: 08 de Dezembro de 1.892
Nº de Leitos: 147
Nº de Isolamento: 8
Nº de Sala de Cirurgia: 7
Nº de Médicos: 25
Nº de Enfermeiros: 68

- POSTO DE SAÚDE VILA PALMEIRAS

Rua 6 de Março, s/nº
Telefone: 51-3707 Ramal: 25
Horário de Atendimento: 7:30 às 11:00 hs - 13:00 às 17:00 hs
Nº de Médicos: 3

- POSTO DE SAÚDE VILA SÃO PEDRO

Rua Vereador Estevam de Felipe, s/nº
Telefone: 51-3707 Ramal: 27
Horário de Atendimento: 7:30 às 11:00 hs - 13:00 às 17:00 hs
Nº de Médicos: 3

- CENTRO DE SAÚDE II ESPÍRITO SANTO DO PINHAL

Rua Cel. A. Vergueiro, s/nº
Horário de Atendimento: 7:00 às 11:00 hs - 13:00 às 17:00hs
Telefone: 51-1702 e 51-1552
Nº de Médicos: 5

- CENTRO ODONTOLÓGICO

Praça Moreira César, s/nº
Telefone: 51-3707 Ramal: 69
Horário de Atendimento: 7:30 às 11:30 - 13:00 às 17:00 hs
Nº de Dentistas: 6 - 2 Estado



Departamento de Cultura e Turismo

HOTÉIS

- HOTEL DONA EMÍLIA

Rua Prudente de Moraes, 381

Telefone: 51-1647

Nº de Quartos: 32

Tipo de Quartos: 12 em condição - 20 menores

Preço da Diária: Cz\$ 500,00 por pessoa

- HOTEL JOVEM PAN

Praça Mota Sobrinho, 10

Telefone: 51-3297

Nº de Quartos: 16

Tipo de Quartos: 11 quartos simples - 4 apartamentos

Preço da Diária: simples: Cz\$ 400,00 por pessoa

apartamento: Cz\$ 500,00 por pessoa

- PINHAL PALACE HOTEL

Praça da Bandeira, 98

Telefone: 51-2341

Nº de Quartos: 48

Tipo de Quartos: 9 com banheiro, TV, carpetados

6 Suites

Preço da Diária: Simples: Cz\$ 940,00-1 pessoa, Cz\$ 1.400-2 ou mais

1 Suite: Cz\$ 1.750 - 2 Suites: Cz\$ 2.240

- HOTEL CENTRAL

Praça da Independência, 228

Telefone: 51-3102

Nº de Quartos: 6

Tipo de Quartos: 6 simples

Preço da Diária: Cz\$ 500,00 por pessoa



Departamento de Cultura e Turismo

PRAÇAS E MONUMENTOS

- PLACA COMEMORATIVA DA PAVIMENTAÇÃO DO ACESSO DE PINHAL
GOVERNADOR LAUDO NATEL
24 de Junho de 1.974
- PRAÇA DUQUE DE CAXIAS
1º CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DE PINHAL
1849-1949
- HOMENAGEM AOS COLABORADORES DE ROMUALDO SOUZA BRITO NA OBRA DA
FUNDAÇÃO DE PINHAL
1º CENTENÁRIO
Marco 105
Altitude 864,681 m
- PRAÇA CARDEAL LEME
Dimensões: 4225,00 M/2
- PRAÇA PRESIDENTE KENNEDY
- PRAÇA RIO BRANCO
Dimensões: 2476,50 M/2
- LARGO SANTA CRUZ
Dimensões: 5005,50 M/2
- PRAÇA JOÃO PLÍNIO FERNANDES
Dimensões: 1504,00 M/2
- PREFEITURA MUNICIPAL- PRAÇA CARLOS WESTIN VERGUEIRO
RELÓGIO
1.971



Departamento de Cultura e Turismo

- PRAÇA FRANCISCO ALVARES FLORENCE
PRESIDENTE DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO
30 de Julho de 1.948
Rua 13 de Maio
Dimensões: 747,50 M/2
- PRAÇA AGOSTINHO TOFFOLI
ESPÍRITA FUNDADOR DO SANATÓRIO BEZERRA DE MENEZES
1.976
Jardim Universitário
Dimensões: 378,30 M/2
- PRAÇA MINISTRO JOSÉ MARIA WHITAKER
PINHALENSE
20 de Novembro de 1.971
Jardim Universitário
Dimensões: 260,00 M/2
- PRAÇA EM HOMENAGEM AO CONJUNTO EDUCACIONAL
FACULDADE
27 de Dezembro de 1.972
Dimensões: 1600,00 M/2
- DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM
1.949
- PRAÇA MOTA SOBRINHO
Centro
- PRAÇA GERALDINO SANCHES
Centro
- PRAÇA PRESIDENTE ALVARES FLORENCE
Centro
- PRAÇA JOÃO PESSOA
Centro



Departamento de Cultura e Turismo

- PRAÇA BENTO BUENO
Centro
- PRAÇA VICENTE F. GUIMARÃES
Centro
- PRAÇA MOREIRA CÉSAR
Centro
- PRAÇA MARIA TEREZA DE JESUS
Centro
- PRAÇA SÃO BENEDITO
Centro
- PRAÇA COLOMBO FLORENCE
Jardim Nova Pinhal
- PRAÇA MAJOR FAUSTINO
Vila Moreira
- PRAÇA SÃO JUDAS TADEU
Nossa Senhora de Fátima
- PRAÇA DR. NELSON FERREIRA
Jardim Paulista
- PRAÇA DOS EXPEDICIONÁRIOS
Jardim Santa Clara
- PRAÇA AMADEU BUENO FLORENCE
Monte Negro



Departamento de Cultura e Turismo

- PRAÇA CORONEL BATISTA NOVAES
Centro
- PRAÇA NESTOR DE ALMEIDA VERGUEIRO
Jardim Campos Salles
- PRAÇA DA BÍBLIA
Jardim Bartholomeu Bueno de Miranda
- PRAÇA MANOEL J. GONÇALVES
Centro



Departamento de Cultura e Turismo

COMPRAS (SOUVENIRS)

- ADRIANA HELENA CARNEVALLI MAIMONE "ME"
Comércio de calçados e acessórios
Rua José Bonifácio, 155
- AGOSTINI & D'ALVIA LTDA
Com. de roupas, armarinhos e acessórios de vestuário
Rua 15 de Novembro, 169
- ALIPERTI, BARTHOLOMEI & BARTHOLOMEI LTDA "ME"
Comércio de calçados e derivados de couro
Rua Arnaldo D'Ávila Florence, 58
- ANA LÚCIA R. D. A. VERGUEIRO "ME"
Comércio de tecidos, artigos do vestuário, de cama, mesa, banho e bijouterias
Rua Marques do Herval, 62
- ANA MARIA PASOTTI MONFARDINI
Comércio de flores e decorações
Rua Floriano Peixoto, 318
- ANTONIO GARBELOTO & CIA LTDA
Comércio de calçados, tecidos, roupas feitas e art. Esportivos
Rua Artur Vergueiro, 131
- ANTONIO GARBELOTO & CIA LTDA
Comércio de calçados, tecidos, roupas feitas e art. Esportivos
Rua Artur Vergueiro, 164
- ARTEFATOS DE MADEIRA E PORCELANA DECORADA "RENAN" LTDA
Artefatos de madeira e porcelana decorada
Rua Prof. Francisco Vergueiro, Porto, 171
- ARTHUR LUNDGREN TECIDOS S/A - CASAS PERNAMBUCANAS
Comércio de tecidos e varejo
Rua José Bonifácio, 93
- AVELINA ROSA DOS SANTOS LIMA
Comércio varejista de jóias
Rua Marques do Herval, 170



Departamento de Cultura e Turismo

- B. JOÃO & BENTO LTDA "ME"
Comércio de discos e fitas
Rua João Vicente, 38 Sala- 13
- BARROS, DEL GUERRA & LAZARINI LTDA "ME"
Com. tecidos, artigos do vestuário, de cama, mesa, banho, e bijou-
terias
Rua Floriano Peixoto, 415
- BASSI & PETELINCAR LTDA
Comércio de calçados e acessórios
Rua Floriano Peixoto, 296
- BRANDÃO & NOGUEIRA LTDA "ME"
Comércio de confecções e acessórios
Rua Floriano Peixoto, 318
- CARLOS ALEXANDRE ZABELI PASCUINI "ME"
Comércio de confecções, armarinhos e calçados
Rua Marques do Herval, 203
- CARLOS ROBERTO JORGE MICHEL
Comércio de roupas feitas, calçados e armarinhos
Praça da Independência, 326 Sobreloja Sala A
- CLARICE D. F. RIBEIRO "ME"
Comércio de roupas, calçados e artigos para presentes
Rua Francisco Pasoti, 90
- COMERCIAL DELU LTDA
Comércio de roupas e artigos para presentes
- COMERCIAL VICENTE JANNINI LTDA
Comercial Magazine
Praça Rio Branco, 54
- EDNA MARTHA FERRARI
Comércio de artigos e artefatos de madeira
Rua Artur Vergueiro, 267
- ERNESTINA APARECIDA PEÇANHA SCAVAZZANI
Comércio de tecidos, artigos do vestuário, cama, mesa, banho e
bijouterias
Rua José Bonifácio, 54 Sala- 09



Departamento de Cultura e Turismo

- G.F. STAUT
Roupas feitas, perfumaria e artigos para presentes
Rua Senador Saraiva, 101
- GERALDO FRANCISCO DA SILVA & CIA LTDA
Cosméticos, perfumarias e miudezas em geral
Rua José Bonifácio, 76
- LUCIANO PASSARELLI & CIA LTDA
Óculos, jóias, relógios e artigos para presentes
Rua Marques do Herval, 82
- LUIZ BORGHERI
Comércio de jóias, bijouterias e prestação de serviços
Rua Júlio Rodrigues Bueno, 85
- MARIA J.F. DO AMARAL & CIA LTDA "ME"
Comércio de artigos do vestuário, tecidos, jóias e bijouterias
Rua Tiradentes, 111-A
- MARIA TEREZA BERTOLDO PACHECO "ME"
Comércio de produtos artesanais
Rua João Vicente, 38 Sala 03
- MARISA E MARTA BOUTIQUE LTDA "ME"
Boutique
Praça 13 de Maio, 78-A
-



Departamento de Cultura e Turismo

MUSEU E BIBLIOTECA DR. ABELARDO VERGUEIRO CÉSAR

- Fundação da Biblioteca: criada pelo decreto-lei nº 16 de 22 de Fevereiro de 1.941.

Ambos estão instalados em amplo edifício de estilo senhorial, assobradado, de esquina, na principal praça da cidade, e que pertenceu ao Coronel Francisco Ribeiro, um dos patriarcas pernambucanos.

A inauguração solene do Museu e Biblioteca deu-se no dia 12 de Junho de 1.943.

Quando da inauguração se realizou uma festa de requintada espiritualidade, ficando assinalada nos anais da cidade como um acontecimento de pról. Foram proferidos discursos pro Francisco Álvares de Florence, Guilherme de Almeida, Fidelino de Figueiredo, José Lins do Rego, Abelardo Vergueiro César e Cícero Brasil.

O Museu segue a linha histórico-pedagógico e compreende as seguintes seções:

- a - Histórica
- b - Geográfica (mapas e gráficos)
- c - Etnográfica e Social
- d - Paleontológica
- e - História Natural (zoologia, botânica e mineralogia)
- f - Economia Municipal (agricultura, comércio e indústria)
- g - Numismática
- h - Cartas, Documentos e Fotos
- i - Pinacoteca com amostras de pintores famosos

A sala "Cardenal Leme", constitui dependência de honra do Museu, destinando-se a reunir tudo quanto diz respeito à D. Sebastião Leme.



Departamento de Cultura e Turismo

A Biblioteca compreende as seguintes seções:

- a - Livros (cerca de 10.000 volumes)*
- b - Revistas (16 títulos)*
- c - Jornais (13 títulos)*

Recentemente foram contratados pelo Departamento de Cultura e Turismo um Bibliotecário e uma Museóloga, para a organização e administração, respectivamente, da Biblioteca e do Museu, apoiados pelos mais atualizados métodos técnicos e também para revitalizar o espaço destinado às atividades culturais, como exposições, palestras, -etc.



Departamento de Cultura e Turismo

ÁREAS DE LAZER

- CENTRO DE LAZER "DANIEL COUTO":

01 piscina = $18,00 \times 4,00 \text{ m}^2$
01 piscina = $12,50 \times 25,00 \text{ m}^2$
Vestiário = $6,00 \times 28,50 \text{ m}^2$
01 quadra de esportes = $14,00 \times 26,00 \text{ m}^2$
01 campo de futebol
Área total = $20.035,32 \text{ m}^2$

- CENTRO DE LAZER "ANGELO BERNARDI":

01 piscina = $8,00 \times 4,00 \text{ m}^2$
01 piscina = $12,50 \times 25,00 \text{ m}^2$
Vestiário = $6,00 \times 28,50 \text{ m}^2$
Área total = $8.605,00 \text{ m}^2$

- PARQUE DO LAGO MUNICIPAL:

Área total = $57.947,75 \text{ m}^2$

- ESTÁDIO MUNICIPAL "DR. FERNANDO COSTA":

Área do terreno = $24.200,00 \text{ m}^2$
Vestiário = $136,50 \text{ m}^2$
Vestiário = $67,60 \text{ m}^2$
01 piscina olímpica = $346,25 \text{ m}^2$
01 piscina = $83,01 \text{ m}^2$
01 quadra de tênis
02 quadras poliesportivas
01 campo de futebol

- ESTÁDIO MUNICIPAL "DR. JOSÉ COSTA":

Área total = $40.748,017 \text{ m}^2$
Vestiários = $310,00 \text{ m}^2$
01 campo de futebol

Pinhall:

1/

Do Bebedouro ao pé da verde serra,
cheia de encanto senhoril e graça,
a cidade gentil, que é minha terra,
dos forasteiros ao olhar descerra
seu panorama esplêndido, sem jaca.

De paz um nobre e fervoroso ansio,
do grande coração de Souza Brito,
um dia a origem lhe serviu de meio,
quando feliz desfecho sobrevio
à iminência sombria dum conflito.

Sob um céu muito azul, radioso e lindo,
dum grupo de colinas pelo dorso,
seu capão desde então surgindo,
vem ela, pouco a pouco, se expandindo,
de progredir num salutar esforço.

Exemplo de civismo sobranceira,
socegada, feliz e laboriosa,
com muito ardor se faz confiante omeira
da grandeza da Pátria Brasileira.
em que se integra e cuja causa é esposa.

Em seus primórdios ou no tempo atual,
do Patrio Pavilhão vivendo o lema,
uma joia tem sido o meu Pinhal
a fulgir como autêntico fanal
de São Paulo no rutilo diadema.

junho de 1.941. Hermógenes de Mello Jr.

Espírito Santo do Pinhal

(1)

"Rainha das Serras"

Apresentação da Cidade

① município de Espírito Santo do Pinhal, encontra-se abraçado pelas altas montanhas da Mantiqueira.

Aqui se descobrem belíssimas paisagens, céu sempre azul, de um azul lindo e incomparável.

As serras recobertas por florestas que delineiam os horizontes de Pinhal, abrigam toda espécie de flores, pássaros e animais nativos, num preto perene à mãe natureza.

Espírito Santo do Pinhal, por se achar assim incrustada em meio a estas serras recebeu o título de "Rainha das Serras".

Aquiñhada por Deus, com seu solo fértil, livre de revoltos fenômenos da natureza, terra de muita chuva no tempo das águas, de muito sol no verão e frio no tempo regular, eis que esse município apresenta climática das mais agradáveis e saudáveis de nosso Estado.

É símbolo paulista em paisagem mineira. Foi uma das mais progressistas cidades da década de 30. famosa pelo seu produto - o café, produto aqui tratado com carinho, regado com o suor de um povo que sabe trabalhar a terra; colhido por mãos calosas que o apanham com a delicadeza de mãos de fada.

Hoje, Pinhal ressurgiu ostentando ainda e sempre as ondulações verdejantes de seus cafezais e apresentando a

pujança de uma pecuária evoluída e uma escalante produção industrial.

No setor do ensino, Pinhal é um grande Centro de Cultura.

O povo é dotado de profundo sentimento cristão e democrático.

O pinhalense se orgulha ao mostrar sua cidade, reflexo do que já se fez, e confiante no que se fará, e longe de ser a menor entre as cidades do Brasil, ergue-se altiva como berço do digníssimo "Cardinal Dom".

Eis Pinhal, a "Rainha das Serras".

Espírito Santo do Pinhal e sua história.

Cissentada, esplendida, soberba e donairoza, sobre o espaldar da mantiqueira, flouida e perfumada, longe de pantanaís, bem perto do céu, fica nossa querida Pinhal.

É magnifico vê-la, no tremeluzir do primeiro clarão matinal, como também é lindo vê-la a notinha quando os primeiros raios de luar iluminam nossas ruas.

É majestoso o perfil de nossa Igreja matriz, sublime marco da religiosidade de nosso povo, que adentra com sua cruz pelo azul esplendido do céu, como sentinela vigilante da fé em Cristo, nosso Guador, que abençoa e encoraja o povo pinhalense.

Tem assim tantos dotes e beleza nossa querida terra que levaríamos, muito tempo afim de descrever-lhe todos os pedicados. Pinhal, nossa querida terra.

É tão grandiosa, em beleza, bondade, encantamento e cedução que todos os seus filhos queridos, junto dela a sentem palpitar em seus corações e distantes a têm consigo saudosos, em perene recordação.

Agora partimos para um pouco de sua história:

Coube a forja da Silva Nobre a sesmaria em cuja circunscrição figurou em parte o território de Espírito Santo do Pinhal, dádiva feita em 9 de agosto de 1728 e composta de terras que limitavam com o atual município de Mogi-Guaçu e com a sesmaria de Antônio da Cunha Abreu um dos ascendentes de Romualdo de Souza Brito.

Procedia Romualdo de Souza Brito, de Mogi das Cruzes, onde nascera e aqui viera acompanhado de outros membros de sua família, alguns anos depois do grito de Ipiranga.

O nosso território, com a evolução de Mogi-Mirim e de Mogi-Guaçu começou a povoar-se e já em 1822, data da proclamação da Independência numerosos eram os colonizadores que, atraídos a estas terras dadivosas, aqui haviam se estabelecido, vendendo seus produtos e abastecendo-se naquelas freguesias.

Vários eram os possuidores do nosso território em 1849 e poucas as propriedades existentes.

Obssaiam-se pela sua área, as fazendas Bertãozinho e Pinhal, esta coberta de densos pinheirais que lhe emprestaram o nome.

Romualdo de Souza Brito, um dos donos da Fazenda Pinhal, proprie-

dade que vinha sendo disputada por diversos colonizadores da Fazenda Bertãozinho, ignora-se a que título, iniciando certa vez a derrubada dos pinheiros existentes na atual praça da Independência ou da matriz, para plantar milho, foi obrigado a interromper o serviço em virtude dos gritos de desafio e dos tiros de espingarda e de trabuco, que lhe foram dirigidos.

3
Espírito profundamente religioso e equilibrado, Romualdo foi tomado de súbita inspiração e aconselhado por sua esposa Sthenza Maria de Jesus.

Declarou que não mais faria a poça, mas que doava das suas partes ao Divino Espírito Santo, uma porção de terras de quarenta alqueires, para patrimônio e a fim de que, no mesmo lugar onde ocorrera o incidente, fosse erguida uma capela.

Em 24 de dezembro de 1849, pelo notário da então freguesia de São João da Para Vista, José Antônio de Abreu e Silva, por solicitação dos doadores Romualdo de Souza Brito e sua esposa D. Sthenza Maria de Jesus, foi lavrada no livro 4^o as fls. 52 a escritura de doação das terras.

O acontecimento não foi bem recebido pelos turbadores que procuraram, antes da sua transcrição, anular a escritura, bem como provocar distúrbios, iniciar derrubada de matas e construir benfeitorias nas terras doadas, quando dois desastres, atribuídos a causas sobrenaturais, fizeram cessar as hostilidades que cada dia mais se agravavam.

Essas ocorrências recebidas como castigos do céu, influíram de maneira relevante para serenar os ânimos, consolidar a doação feita e decidir da sorte da povoação nascente.

Datas significativas e importantes no decorrer do desenvolvimento de Pinhal:

13 de fevereiro de 1850.

É construída a 1ª Capela em Pinhal, tornando-se a povoação uma Capela Curada.

25 de dezembro de 1851.

É rezada a primeira missa na capela de Pinhal, pelo padre Manuel José de Faria, vulgo "Chapim de junco".

24 de março de 1860.

Elevação do arraial à freguesia, o que ocorreu pela lei nº 3 de 24 de março de 1860, sancionada pelo Sr. José Joaquim Fernandes Torres, presidente da Província.

6 de fevereiro de 1864.

Fundação de Nova Louçã - criada pelo Comendador João Eusébio Carvalho Monte Negro, português de nascimento.

Tratava-se de um núcleo constituído de gente lusitana, vindos da vila portuguesa de Louçã. Vieram para aqui fixar-se e abrir lavouras.

9 de abril de 1877. Elevação a Vila e

município.

Grças aos esforços do Capetão José Ribeiro da Motta Paes, mais tarde Barão de Motta Paes, cuja tenacidade e amor a esta terra não conhecia limites, conseguiu finalmente a elevação da freguesia a Vila pela lei nº 17 de 9 de abril de 1877.

20 de abril de 1879.

Posse dos primeiros vereadores que constituíram a 1ª Câmara Municipal de Pinhal.

28 de maio de 1881.

Cruciação da Comarca do Espírito Santo.

10 de março de 1883.

Elevação da Vila do Espírito Santo a categoria de Cidade.

16 de abril de 1888.

Grças aos esforços do Dr. José de Almeida Berquiere, grande abolicionista na memorável sessão da Câmara verificada a 7 de janeiro de 1888, propôs-se uma reunião para o dia 02 de fevereiro, quando seria tratada a libertação dos escravos existentes em número de 1035.

Finalmente no dia 16 de abril de 1888, em meio a grandes festivos comemorou-se a abolição dos escravos, em Pinhal, precisamente 28 dias antes da abolição da escravatura no país.

O Sr. Barão de Motta Paes, foi o primeiro que, entre nós restituiu a liberdade aos seus numerosos escravos.

1º de outubro de 1889.

Inauguração da estrada de ferro em Pinhal.

12 de outubro de 1892.

Instalação da Comarca em Pinhal.

12 de março de 1898

Inauguração da luz elétrica, entre festas e regozijos populares.

1º de janeiro de 1902

Inauguração do serviço de abastecimento de água em Pinhal.

23 de agosto de 1902.

Pronunciamento monárquico.

1º de janeiro de 1909.

Inauguração do Jardim Público da Praça da Independência.

8 de novembro de 1909.

Criação do distrito de 5º Antonio do Jardim.

7 de setembro de 1922.

Centenário da Independência do Brasil.

31 de janeiro de 1931.

Visita do Cardeal D. Sebastião Leme a Pinhal.

9 de julho de 1932.

Revolução Constitucionalista.

(5)

Pinhal, assim como todas as coletividades do Estado, viu-se envolvida pelo grande acontecimento que assoborbeu todo o Brasil.

Lombaram na campanha entre outros os seguintes pinhalenses, aos quais Pinhal consagra verdadeiro culto: Angelo Querino, João Bueno dos Reis, José Lobo de Menezes e Américo Braga.

3 de agosto de 1936.

É empossada a 1ª Câmara eleita após a revolução de 30.

31 de julho de 1948.

morte do Dr. Francisco Alvares Florence.

27 de dezembro de 1949.

Centenário da fundação de Pinhal.

Através da tradição e dos escritos colhi dos sobre Pinhal e sua gente aqui chega-se ao termo desta sinopse de datas marcantes e acontecimentos ocorridos em nossa terra no primeiro século de sua existência.

Nossa história continua através dos tempos e pode oferecer as mais belas páginas se tratadas com minúcia e ~~de~~ cuidados de pesquisador atento.

Porém, esta sinopse nos levou a uma rápida viagem ao passado de nossa terra, que nos orgulha e enoia, como pinhalenses que somos.

Pinhalenses eméritos:

Citar nomes sempre foi tarefa das mais difíceis e ingratas, pois muitas vezes pode-se cometer a injustiça da omissão, e quantos não são os heróis anônimos de nossa coletividade.

Entretanto, alguns nomes devem ser lembrados, pois foram dos mais significativos na construção de nossa terra.

Assim temos a figura ímpar do Dr. Francisco Álvares Florença, Dr. Abelardo Verquiere Cesar, Dr. José de Almeida Verquiere, Dr. Carolino da Motta e Silva, Major Afonso da Silveira Leme, Cel. José Ribeiro de Oliveira Motta, Cap. Gentil Ribeiro de Oliveira Motta, Dr. Abelardo Arquiere Cesar, El. João Batista de Lima Novaes, El. Joaquim Leite de Souza, José Pedro dos Santos Júnior, Manoel Joaquim Gonçalves, Cel. Amador Bueno Machado Florença, Cap. João Batista Mendes Silva, Sr. Gilberto Leite Vieira, Sr. Antonio Costa, Cap. José Antonio Dillas Boas, Sr. Miguel Lamasso, Major Faustino de Alcântara Pereira e Silva, Irmãos Fiderighi, Cap. Leonidas Rodrigues Mendes, Alfredo Motta, enfim muitos e muitos outros que enaltecem as páginas de nossa história pelos seus trabalhos e feitos, em prol de nossa terra.

(6)

No passado mais remoto, temos as figuras marcantes do Comendador Montenegro e do Barão de Motta Pau.

Homenagem: "Cardinal Leme"

Um pinhalense merece um destaque todo especial, trata-se do nosso mui digno conterrâneo D. Sebastião Leme - o Cardinal que por toda espécie de razões e sob qualquer ângulo que seja visto foi o maior filho de Pinhal.

O Divino Espírito Santo que protege e santifica a cidade privilegiada de Pinhal, fez de D. Sebastião Leme, uma figura esponsorial da nossa Pátria e um dos mais eméritos e atilados Príncipes da Santa Igreja.

- Poucos homens terão possuído aquela penetração psicológica com que o Cardinal Leme se apoderava dos corações. Sua visão político-social era invejável e seus méritos incomparáveis.

Nasceu D. Sebastião Leme da Silveira Cintra a 20 de janeiro de 1882 em nossa querida Esp. Santo do Pinhal, numa singela moradia da Rua Marques do Herval.

Filho do professor primário Francisco Turquim Leme e Dona Ana Lís da Silveira Cintra, virtuosa senhora.

D. Leme nunca esqueceu os dias infantis, os anos que viveu na terra onde nasceu e que tanto amou, Pinhal, para ele era a "ponta terrinha", como ele próprio dizia, torrão que ele amou com comovida ternura.

Dom Leme faleceu a 17 de outubro de 1942,

precisamente às 14hs e 15 minutos, no seu aposento do Palácio São Joaquim, no Rio de Janeiro.

Nossa fundadora:

19ª Irmã Maria de Jesus.

Recomendação.

Dona Irmã Maria de Jesus - Pinhal a cidade do Divino Espírito Santo, a nossa terra: a que destes o primeiro sopro de vida, à doastes o patrimônio.

A vossa experiência e a vossa privilegiada inteligência, afirmamos, nunca conceberam que em tão pouco tempo pudéssemos oferecer-vos aos olhos embevecidos esta pujante demonstração de vitalidade e comprometimentos.

Bafejados pelas bênçãos do Divino, que no mais feliz dos momentos e seguindo os ditames do vosso coração, fizestes nosso padroeiro, temos vindo galhardamente os precalços da vida e transposto com ousadia os óbices da existência.

É prosequiremos felizes e ativos, na senda luminosa que nos traçastes até alcançarmos a suprema glória de termos feito das matas sombrias e aterrantas que nos legastes a nova bela e radiosa colina.

É o vosso nome se pronunciará então por dezenas de milhares de bocas e as nossas preces, alcançarão

os céus pela sua fé, pedindo para vós e vosso esposo a quem tanto inspirastes: Romualdo de Souza Brito a paz eterna sob as bênçãos do Senhor.

A cidade de Pinhal.

Detalhes e observações:

1. A Religião Católica em Pinhal.

Pinhal é uma cidade essencialmente católica. A maioria esmagadora dos católicos prova esta verdade irrefutável.

Nesta cidade, voltados para a fé, todos trabalham dinâmica e vivamente para o progresso. E Pinhal, sem dúvida, podemos afirmar progrediu sensivelmente.

Do lado do dinamismo admirável desta terra que se gloria de ser o berço do segundo Cardinal Brasileiro: D. Deme, a religião católica domina soberanamente.

Encontramos na principal praça da cidade, um templo soberbo que graças à sábia orientação do Rmº Mons. José Mendes, é hoje uma das mais lindas igrejas do Estado.

2. Ginásio Pinhalense de Esportes Atléticos.

Esta entidade esportiva que teve a sua modesta origem numa reunião encabeçada por um grupo de moços admiradores do esporte representa hoje o que Pinhal tem de mais belo no futebol e na sociedade.

Se tão promissora foi a sua atuação no esporte, não menos tem sido ela na sua parte social.

INSTALAÇÃO DA COMARCA DE ESPÍRITO SANTO DO PINHAL.

A Comarca de Espírito Santo do Pinhal é das mais antigas e respeitadas do Estado de São Paulo.

Vamos agora a um sumário de seu histórico:

Pela Lei nº 62, de 28 de maio de 1.881, o Presidente da/ Província de São Paulo, senador Florêncio Campos de Abreu e Silva, criou a Comarca de Espírito Santo do Pinhal, com o municí-/ pio do termo de Penha do Rio do Peixe.

Inicialmente, a Comarca, embora conservando a designação de Espfrito Santo, passou a funcio nar na cidade de Itapira.

A 10 de março de 1.883, pela Lei nº 14 o Conselheiro // Francisco de Carvalho Soares Brandão, presidente da Província / elevou Espírito Santo do Pinhal, da categoria de vila a cidade, sendo nomeado Juiz Municipal o Dr. Paulo Machado Florence e pri meiro escrivão de hipotecas o Sr. José Lourenço de Sá.

A 27 de setembro de 1.883 a Câmara Municipal de Espírito Santo do Pinhal, tomou através de um officio dirigido à Comarca/ da cidade da Penha do Rio Doce ou seja Penha do Rio do Peixe a/ deliberação de no dia 30 do corrente mês, proceder a instalação da nova Comarca de Espírito Santo do Pinhal.

Todos estes atos e providências constam no livro de atas da Prefeitura Municipal de Itapira do ano de 1.883 às folhas 66 e versos.

A 20 de fevereiro de 1.888 durante a reunião da Câmara / Municipal, propôs-se a transferência da sede do Poder Judiciá-/ rio para a nossa cidade, "como era natural".

Finalmente a 20 de setembro de 1.892, o Presidente do Es tado nomeou o primeiro magistrado da Cãmama o Exmo ou seja da / Comarca o Exmo Sr. Dr. Fabiano Augusto Nogueirá Porto.

A partir desta data nossa Comarca, torna-se independente* tendo o seu próprio forum, funcionando provisoriamente no "Edi- fício da Prefeitura Municipal, sendo que em 29 de abril de 1924 é concluído o Edifficio do Forum, situado à Praça Bento Bueno.

Em primeiro lugar meus cumprimentos aos prezados rádios-ouvintes, meu agradecimento ao distinto José Maria pe la gentileza de seu convite, para minha presença em seu / programa.

Também meus sinceros parabéns ao nosso competente / Marcos Ynes, que a frente do Departamento de Cultura e / nesta oportunidade vem realizando um trabalho magnifico.

Hoje, o que me traz aqui é nossa querida Pinhal, esta terra cuja doçura de clima, limpidez de céu, placidez / de águas, túnicas verdes de árvores cobrindo as curvas ondulantes da Serra da Mantiqueira que nos rodeia e emoldura e que nos empresta o título de "Rainha das Serras". É esta Pinhal e um pouco de sua história que vou tentar descrever aqui.

Esta terra tão querida, para nós um presente de / Deus, guarda no seu passado uma figura maravilhosa edificante, um homem bom, puro, espontâneo, natural em cuja vida a bondade e generosidade eram uma constante.

Mas não só a bondade, também a a nobreza e altivez / eram traços fortes de sua personalidade.

Trata-se de nosso patriarca, nosso fundador, o "grande pai" Romualdo de Souza Brito, que tinha ao seu lado sua digna esposa D^a Thereza Maria de Jesus, figura absolutamente ímpar, virtuosa e generosa que muitíssimo trabalhou nos dias iniciais da fundação de nossa cidade, pois era pessoa embuida de profundo espírito religioso, alma voltada para as coisas da Igreja e da Religião.

Rendamos pois aqui nossas homenagens a este casal :/ D^a Thereza Maria e seu brioso e honrado marido Romualdo de Souza Brito.

Procedente de Mogi das Cruzes, onde nascera para aqui viera acompanhada de outros membros da sua família alguns / anos depois do grito do Ipiranga, dedicando-se à agricultura.

Em 1822 data da proclamação de nossa independência, / numerosos eram os colonizadores que atraídos a estas adiv / sas aqui haviam se estabelecido.

Vários os possuidores do nosso território em 1849 e / poucas as propriedades existentes.

Sobressaiam-se pela sua área, as fazendas Sertãozinho e Pinhal, esta coberta de densos pinheirais que lhe deram o nome.

Romualdo de Souza Brito um dos donos da fazenda Pi- / nhal, propriedade que vinha sendo disputada por agriculto- / res da fazenda Sertãozinho, ignora-se a que título, inician / do outra vez a derrubada dos pinheiros existentes na atual / praça da Independência ou da Matriz, para plantar milho, foi obrigado a interromper o serviço por causa dos gritos de de / safio e tiros de espingarda e trabuco que lhe foram dirigi- / dos.

Espírito profundamente religioso e equilibrado Romual- / do foi tomado de uma inspiração.

Declarou que não mais faria a roça, mas que doaria / parte de suas terras - precisamente 40 alqueires para a for / mação do patrimônio do Divino Espírito Santo e afim de que, no mesmo lugar onde ocorrera o incidente, fosse levantada / uma capela.

Assim, a 27 de dezembro de 1849, pelo escrivão da fre / guesia de São João da Boa Vista, a pedido dos doadores Ro- /

mualdo de Souza Brito e sua esposa D^a Thereza Maria de Jesus foi lavrada no livro 4^a às folhas 52 a escritura de doação / das terras - 40 alqueires retirados da fazenda Pinhal, pertencente a freguesia de Mogi-Guaçu, fato êsse que pôs termo / às desavenças e deu origem ao nosso Espírito Santo do Pinhal que à semelhança de semente lançada em terra fértil, prosperou cada vez mais se tornando a 9 de Abril de 1877 município e a 30 de Outubro de 1884 comarca.

Assim nasceu nossa Pinhal, pela inspiração do Divi no Espírito Santo, e através do coração generoso de nosso / fundador do qual nos orgulhamos e nos lembramos nesta de maneira toda especial nesta semana que hoje se inicia.

Pinhal - pequena história do largo da Matriz

UBIRAJARA ROCHA

PINHAL foi fundada em 27 de dezembro de 1849. Precisamente no local — no centro da cidade —, onde hoje vemos a imponente Igreja Matriz, foi, em 1851, edificada a capelazinha por intenção ou em louvor do Divino Espírito Santo, atendendo-se, dessa forma, justa e exatadamente, ao intenso desejo do magnânimo casal-fundador da nascente comunidade, ou seja, Romualdo de Souza Brito-Tereza Maria de Jesus.

A Igreja Matriz — uma coisa muito bonita que existe para se ver em Pinhal — está sempre "aberta maternamente a todos na hora da prece"; quase todos os dias para o seu cálido e místico seio afluem os fiéis, acorrem os devotos em busca de socorro e conforto espiritual, todos, naturalmente, desejosos de que se derramem sobre eles, ou em suas almas, os sete dons do Espírito Santo. (Os dons, caindo sobre suas cabeças, não, decerto, de penetrar-lhes as almas).

— Podemos ver, na história do largo da Matriz, que os eventos seguem uma sequência natural e que os tempos os conectam.

O majestoso templo religioso, aqui referido, de austeridade e bem conservada fachada, tem em frente o largo ou praça. Esta praça — enclive encantador, conclave-verde-claro-romântico, é a praça mais central, mais pública da cidade; em tempos remotos, até 1849-50, foi mata braba, sítio espessamente matoso e agreste que gente pioneira descobriu e desbravou. Tais *pioneers* foram os primeiros a fincar a primeira casa no lugar, a fazer a capela e o cruzeiro do povoado.

(Como já lhes disse alhures, não foram poucos os audazes aventureiros que andavam pelas imediações da praça ou largo, gente muita vez perversa ou má, que procurava refúgio no seio da mata-riria virgem, no coração daquele mato grosso, errando, perigosamente, por seitos e silvas, como feras...).

Antes da construção da modestíssima capela do Divino havia no pequeno lugarejo um constante pulular de contendas e conflitos. Demandavam, litigavam ferozmente a posse daquelas terras fértilíssimas e selváticas. Desavenças proliferavam. Sabe-se que Romualdo de Souza Brito, homem de boa vontade e de bom senso, um dos proprietários das terras, tentou apaziguar os ânimos e botar fim, um fim glorioso às pendências e demandas, doando 40 alqueires de terras ao Divino Espírito Santo.

Dias torvos aqueles dias — dias que somente a balsâmica intervenção do alto lograria abrandar ou suavizar o seu clima de brutalidade e violência.

A verdade, porém, é que o generoso Romualdo não conseguira conciliar, com palavras, o espírito exaltado dos condôminos e posseiros das terras. O patriarca fracassara no seu nobre intento de implantar a paz, a concórdia, a união e harmonia entre aqueles homens rudes, cúpidos e gananciosos. (Romualdo o "pai grande", diga-se de passagem, tinha verdadeiro amor ao trabalho. Era um homem de grande valor; não mentia, não iludia nem enganava ninguém. Homem em quem se podia confiar. Seu ser estava inteiro em suas palavras).

Mas... falemos da nossa Igreja Matriz, cuja história se pretende contar aqui. Sua torre pode ser vista de todos os lados. Isolada de tudo, alta-neira no meio da praça, é tão alta essa torre que pode ser vista, firme no espaço azul, de qualquer lugar onde se esteja. Sem qualquer esforço o observador pode vê-la de todos os cantos da cidade.

A Matriz, templo realmente majestoso, como insistimos em dizer, está solidamente plantada no chão, é mais alta que larga; sua entrada é franqueada por um belo portal, ao qual somente se chega galgando os degraus de uma escadaria de cimento. A um primeiro nível, sobre o telhado do primeiro lance da construção, eleva-se a torre. É, de fato, uma robusta e elegante Igreja, de linhas sóbrias, sem arrojados arquitetônicos, sem excessos de ornamentos. A torre, de que já falamos, bem como o relógio das horas e os sinos de bronze acima do côro, aponta ousadamente para a abóboda celeste.

Ao lado da torre aparecem, de corpo inteiro, criaturas do céu, ou anjos e figuras de apóstolos, esculpidos em pedra e granito (esculpidos no estilo dos modernos).

Este narrador é um dos muitíssimos seres que "curtem" a nossa belíssima Igreja Matriz — Igreja comparada a uma catedral por Washington Luis Pereira de Souza, em 1921, quando visitava oficialmente a nossa cidade, na qualidade de Presidente do Estado, acompanhado de brilhante comitiva, da qual fazia parte Bento Bueno, Secretário da Justiça. A Igreja — permita-se me repetir — repleta de beleza, preenche de imponência, chamando a atenção de todos pela originalidade de seu risco, do capricho das retas e curvas de sua fachada, do desenho de seus altares, de suas naves, de seus vitrais... O

altar-mor, em especial, é magnífico, não sendo possível sejam esquecidos os nomes de Nino e Benedito Francoso...

— Que diria Romualdo se tivesse podido contemplar a Matriz de hoje, nascida da capelazinha edificada em agosto de 1851? Que diria sua santa mulher, Dona Tereza Maria de Jesus, e mesmo os seus cegos, duros e empedernidos opositores de 1849?

Romualdo era um homem bom, puro, espontâneo, natural; a bondade, a sua generosidade era constante, algo que se surpreendia nas fundações, no cerne ou subsolo de sua personalidade. Mas não só a bondade, também a altivez, a nobreza estava nos tecidos mais profundos do seu ser, nas raízes subterrâneas de sua natureza.

Romualdo era o homem mais indicado para fazer frente aos homens ávidos de poder, rapaces e sem lei que o rodeavam. (Com efeito, não todos, mas alguns deles viviam à margem da lei, a conduta deles era *lawless*... ilícita, ilegal, fora da ordem jurídica). — Seria o "grande pai", o patriarca Romualdo daquela espécie de espíritos que só encontram sua segurança na oposição, no antagonismo, ou quando são combatidos por outros?

— Nosso espaço está esgotado. Daremos, proximamente, continuidade a este pequeno esboço sobre a história de nossa Igreja Matriz.



Espírito Santo do Pinhal, 16 de Fevereiro de 1935

Elementos para uma teoria geral da História de Pinhal

UBIRAJARA ROCHA

(continuação)

NÃO será incorreto dizer que em Pinhal — sociedade em desenvolvimento — há que se fazer, em esboço vivaz, ou, melhor, em consciencioso esboço histórico, todo um levantamento do *paideuma* (elenco de valores essenciais, culturalmente atuantes no momento histórico). Há que se ferir o tema da tradição, "ciência do povo (Luis da Câmara Cascudo), espécie de caixa de ressonância da alma popular. (Talvez que esses velhos temas tradicionais devam ser tratados com uma "cosmose" nova e atraente; mas o que se não deve é relegá-los ao olvido, enterrá-los sob a mais funda sepultura do esquecimento.

2. — Sem mais, é legítimo mostrar ou assegurar a importância do capitalismo no evoluir da vida coletiva. É a particular impostação do fator econômico na vida da comunidade, bem como nas determinações práticas dos indivíduos. Não deve, o estudioso de nossa sociedade pinhalense, fechar-se para a compreensão global da situação social. Dessa forma, não deixará de investigar que formas de luta contra entropia desenvolve a nossa comunidade local.

Implicações com o capitalismo. Será, por ventura, o Pinhal, uma *little town governada* sob ou pelo "espírito de Dallas"?

(Bem pode ser que este "espírito de Dallas" não exista, exatamente como o "espírito burguês", este muito da literatura sociológica engajada". Abraham Moles).

Outras interrogações cabíveis neste *insight*: consentem-se, em Pinhal, saltos (dos seus habitantes) de um para outro *status* social?

(Tais "saltos" são normais, mudar de situação é um fenômeno que ocorre em todas as sociedades sãs).

3. — Personalidades influentes em diversas áreas ou setores muito têm contribuído para o progresso e desenvolvimento de nossa cidade. (Escreveu Umberto Eco: "em todos os tipos de sociedade, existem categorias de personagens, quase sempre detentores de um poder qualquer, cujas decisões e cujo comportamento influem na vida da comunidade".

Sem dúvida alguma, são, essas tais, pessoas dignas de dar um conselho, pessoas que respeitam os códigos do *savoir-vivre*. Aqui em Pinhal, temos tido dessas personagens ilustres, que, em outros lugares, são chamadas de *mandacabras*. São, deusas e realmente, pessoas que formam uma espécie de *gate keepers*, ou "guardas da porta", da cidade.

4. — Por ventura em Pinhal se observa o que ocorria com o povo egípcio — isto é — "um monumental respeito à tradição preservando os padrões do passado"?

— Existem, por aqui, pessoas simples, galgando posições de destaque e relevo social, ou ganhando consideração, em detrimento da gente de melhor casta?

Dá, o nosso povo, valor ou importância à vida mental e contemplativa?

Há condições para a existência, em Pinhal, de homens teóricos, "homens que devassam sem esquivança e perguntam pelas coisas sem medo..."?

Homens que tratam ou lidam com as coisas frente a frente, sem dar voltas ou rodeios, de mente alerta e não se deixando embair ou mistificar... Enfim, homens ou gente de espírito prenhe de saber efetivo e vivaz sobre as coisas.

5. — É bem certo que já começam a aparecer, a surgir ou despotar investigadores da história social de nossa terra.

"Eu, de mim, nunca vaciei em outorgar a Ernesto Rizzoni uma indisputável primazia no estudo do passado de "nossa terra, nossa gente".

6. — Novas indagações se impõem: Nosso povo é intelectualista ou positivista?

Nossa gente é utilitária e ama as coisas práticas, ou prefere "distrair-se das coisas imediatas e práticas em favor das essências eternas"?

(Adora as núpcias felizes entre Ficção e Realidade, ou tem os pés bem fincados no chão?)

— Nosso povo considera o poeta um nefelibata, um "inquilino das nuvens"?

A poesia e a filosofia entram nas casas pinhalenses?

Ou dali são invariavelmente expulsas a toques de caixa?

Em Pinhal quem sai vitorioso: Ariel ou Calibá?

Ainda mais: Nosso povo tem o gosto de sabedoria? Assinala (judiciosamente) o primado do espírito sobre a matéria?

Tem, a nossa gente, o desejo de enxotar da sua cidade o poeta — o vate geralmente inútil e sem préstimo para nada?

(Não me esqueça que Platão, na concepção da cidade ideal, não permitia que nela habitasse o poeta. Tão difícil de compreender essa "tirada" do divino filósofo, justamente ele que era um maravilhoso poeta...)

INS

— Os que, em nossa cidade e município, detêm o poder econômico, agem com responsabilidade perante aqueles cuja sorte dependem de suas decisões? Estão os ricos, ou membros da classe afortunada, em Pinhal, a serviço dos objetivos ou anseios do povo?

Numa palavra: agem sob a bandeira do socialismo democrático?

ESTUDANTES

Terra de estudantes, é o Pinhal.

Nossos estudantes possuem o amor ao livro, paixão à cultura? (Lembra-me o que disse David Riesman: "Estar a sós com um livro é estar a sós em um novo caminho.")

Estudantes pinhalenses, escrever-se uma história social de Pinhal é algo que se impõe no momento. É, esta, uma "tarefa proposta à nova geração de pesquisadores estudantis, mais apta e instrumentada para uma empresa que exige aplicação integral e sistemática".

Termino dizendo que os nossos estudantes — cultos, inteligentes, brilhantes — não de providenciar sem demora um estudo (completo, alentado) sobre o Pinhal, nos moldes por nós ligeiramente apontados ou aflorados nesta série de artigos.

(continua)

Elementos para uma teoria geral da história de Pinhal

UBIRAJARA ROCHA

(continuação)

V

HAVEMOS de conservar, desta feita, o mesmo e frio critério metodológico dos trabalhos anteriores, tecendo considerações ou *takes* em torno de um mesmo tema central, interessando aos membros das diferentes camadas ou estratos da sociedade. Em síntese narrativa (*telling*): acentuaremos — “sem cairmos na improvisação, no desejo generoso de esclarecer tudo depressa, e mal” — acentuaremos, logo de saída, que um hábito, um costume popular — um *mores* —, que se enraíza em Pinhal com a força de uma planta invasora, praticado em todos os patamares ou segmentos da sociedade, é o das pessoas serem conhecidas, chamadas ou apontadas por apelidos (por alcunhas, apelativos carinhosos, antonomásias, vulgos pitorescos, hipocorísticos, nomes engraçados, saborosas nomeações).

Investigadores sociais (sérios) têm encontrado, nos costumes ou “mores” das populações de algumas comunidades por eles acuradamente estudados, o sestro (antigo, sistemático) ou o vezo (arraigado, tradicional) de brindarem-se ou “mimosearem-se” uns aos outros, os habitantes desses núcleos humanos, com alcunhas, cognomes ou apelidos, de tal forma que, ao fim e ao cabo, quase mais ninguém na cidade se torne conhecido ou chamado pelo seu verdadeiro nome ou prenome e sim por seus apelativos populares.

Isto assim dito, a pergunta ou indagação a se fazer é esta: ocorre o mesmo ou constata-se idêntico hábito ou procedimento social em relação ao povo ou à comunidade pinhalense?

A resposta já foi dada acima — a resposta é sim.

(Observação a *latere*, cabível no âmbito deste desenvolvimento ou enfoque: “... o apelido é, em Cuba, o costume mais arraigado e aleivoso. O povo apelida sistematicamente, com certa astúcia, tudo o que o representa; rompe, com o motejo, qualquer intenção de gravidade e grandiloquência, com o nome hipertrofiado destrói todo o aparato, zomba da pompa, lança a realidade à chacota. — O apelido, de criação anônima, irrompe como “elemento de ruptura e desequilíbrio”, figurando, tanto no discurso sério como no coloquial, como “para-vento de pacotilha ou elemento de “cenografia cartonada de feira”. — Aplicação de apelido: Agudeza do povo para o caricatural; flecha do apelido “quase parecidos e com visíveis preferências”. Fértil em criar motes é a imaginação popular; prenhede de perspicácia é a (pitoresca e saborosa) linguagem do povo. Suas frases são rápidas, como que gravadas em grafite. (cfr. Severo Sarduy, *Escrito sobre um Corpo*, Ed. Perspectiva, S. Paulo, 1979, p. 102).

Aqui em Pinhal o tratamento por apelido traz, em regra, forma ou manifestação de afeto ou é sinal de especial carinho pela pessoa do apelidado.

(Exemplos, citados a esmo, entre muitos outros: Compadre Zizo, Fininha Mota, Vitico, Bartô, Calu, China, Barão, Vadico, Rato, Lau, Fortinho, Dr. Manequinho, Pazico, Patricinho, Dr. Cici... Todas estas alcunhas denotam ideal afeição pelos alcunhados.

Passemos, agora, a outra ordem de considerações.

— É o Pinhal uma sociedade abastada, ou em vias de se tornar uma sociedade abastada, aspirando, por conseguinte, à felicidade material do modelo ocidental?

— Outras análises a serem feitas: História Moral da cidade: indicar qual a autoridade moral da cidade.

— Análise do Cenário Cultural da cidade. (O ambiente geográfico molda a estrutura do caráter das pessoas que nele vivem).

— Estudar o processo de individuação do homem pinhalense. — Temos sido poetas e romancistas, procurando idealizar ou romancear o ambiente de Pinhal?

— Existe, em Pinhal, um tipo especial de homem, um homem de caráter ecúliar, dotado de certas qualidades inerentes e ao qual se possa, com acerto e propriedade, chamar de *homo pinhalensis*?

Um homem que apresenta um modo de ser muito seu, muito característico, muito diferente do dos demais; um modoespecífico de pôr-se em relação com o mundo, com os outros, com a Natureza e consigo mesmo.

— Respeita-se, em Pinhal, o mais novo princípio democrático? princípio segundo o qual (formulação feita por Erich Fromm) — “ninguém deve ser deixado à mingua, a sociedade é responsável por todos os seus membros, ninguém deve ser submetido pelo terror e perder seu brio humano com medo de ficar desempregado ou morrer de fome”. (cfr. Erich Fromm, *O Medo à Liberdade*, 13.a ed., Zahar Ed., Rio, 1981, p. 215).

NOTA LATERAL

Neste artigo, modesto e sem floreios, faço pretexto para deixar meu ponto de vista, externado sobre coisas e realidades pinhalenses, e que sustento não sei se brava ou briosamente, esperando, contudo, que ele não passe longe demais da verdade e do bom senso.

Bem sei que as teses que aqui esposo e defendo talvez não agradem ao intelectualismo (nome danado!); são teses singelas como o seu autor, pobres lições de seminário que a meu juízo podem ser aprendidas ou ensinadas em qualquer mesa de bar. (Nada têm, nada apresentam, por conseguinte, daquelas cintilantes ou luminosas teses que se discutem e se debatem no anfiteatro Descartes, na Sorbonne).

Só espero — fagueira esperança! — que o desdobramento requintado de meus pontos de vista não escape aos mais sutis.

História: Fantasia e realidade

Texto de UBIRAJARA ROCHA

Nosso tema é ficção ou realidade — ou de como se escrever a História.

— Como bem se sabe, não é nada fácil proceder-se a uma exata ou correta apreensão da verdade histórica. A verdade — não receio dizê-lo — é algo esquivo, fugidivo, inesgotavelmente mutável, algo cambiante, matizado, prismático e que, sem cessar, nos foge, nos escapa, como areia fina por entre os dedos. Dai tornar-se difícil ser historiador, difícil-mo ser um bom historiador.

Com efeito, para bem conhecer, para captar, por inteiro e sem distorções, a verdade, o espírito deve, primeiramente, não vacilar em mergulhar no exame minucioso do passado. Esse passado não é sempre claro, nítido, fácil de ser abordado; é, pelo contrário, frequentemente penumbroso, prenhe de trevas ou de espessas nuvens. De tal forma que não podemos botar de lado, nunca, "a problemática de toda a história e de toda a intenção de relatar", sendo de reconhecer, igualmente, que uma narração perfeita é algo basicamente impossível.

"Todos os fatos do passado devem aparecer diante de nossos olhos como as peças de um museu, ou melhor, como as plantas de um herbário: imóveis, fixas, sem seiva". Contudo, não é escasso nem desprezível o trabalho da faculdade imaginativa — a imaginação, diziam os psicólogos clássicos, é a *folle-du logis*, a "louca da casa" — na reconstrução dos ambientes e acontecimentos históricos.

O ilusório, o poético e artificial rapidamente passam, se esfumam, não deixam rastros ou vestígios; aquilo que não tem raízes subterrâneas some depressa, brilha um instante, fulgura e se eclipsa, desaparece; apenas dura, permanece, atravessa o tempo o que "pertence a um mundo realmente essencial, orgânico, sadio." Sombras, teias de aranha se esgarçam, se rompem e se perdem; mas tal não acontece às coisas que são "perfeitas, concretas e coloridas como a própria vida." (Hermann Hesse).

Ainda outra coisa interessante a observar-se: hoje vemos com olhos diferentes as coisas antigas, certos personagens do passado "andaram entre nós, como luzes ardentes, e que ninguém reconheceu! "Enquanto a vasta massa dos mediocres se moviam ou se agitavam em torno delas, "essas pessoas egregiamente dotadas viveram na obscuridade, viveram diante dos olhos de todos, mas era como se não vissem, porque não eram vistas, ninguém as enxergava nem escutava". Somente muitos anos depois de sua morte é que vieram a ser descobertas. Antes, todo mundo estava cego ou ocupado com outras coisas, com suas pobres e fúteis vidas. "Pessoas assim, fiéis à luz e ao espírito, são poucas, mas talvez sejam o sal da terra". (Um dia desses citarei os nomes de alguns desses eminentes vultos do passado, homens distintíssimos, amarga e ingrata e injustamente esquecidos pelos seus contemporâneos).

Esta é a pura e nua verdade: "coisas imaginadas e vividas se estreitam numa sequência plena de significações, formam uma verdadeira vida, com continuidade e ritmo, interesses e objetivos, encontrando, alfin, justificação e naturalidade de uma vida comum, saudável."

Há, na vida de cada personagem, um rico terreno de pesquisas e suposições, deliciosamente curiosas. As vidas de certas personalidades de relevo merecem ser contadas e reconstituídas com objetividade e honestidade; "tudo que podemos conceber hoje, da verdadeira história íntima dos tempos passados, é obra da fantasia e não do conhecimento científico". (Hermann Hesse).

Havemos, dessarte, de conferir extraordinário realce e insigne valor às "imaginadas histórias de famílias" (pois, na linha do pensamento e das palavras vindas da escrivãinha de Voltaire, na área ou no espaço da história o que não é bem que podia ter sido). Em outros termos: coisas não vistas po-

dem ser sonhadas; podem ter sido vividas, ou deveriam ter, se tivesse existido a oportunidade para isso.

Ao fim e ao cabo de tudo, será com trabalho e estudo que o espírito logrará arrancar das sombras expensas do passado os perfis claros, as silhuetas nítidas e firmes dos personagens famosos que moveram as rodas da história.

— Feliz o historiador que no estudo passa dias bons, vive dias especialmente belos e felizes. Ditoso é o cronista que trabalha aplicadamente e que é útil, faz trabalho sugestivo e proveitoso, e é perfeitamente benfazejo a si mesmo e aos outros.

Pinhal: seus primórdios ou primeiros tempos

UBIRAJARA ROCHA

Em carta datada de 30 de janeiro de 1887, escrita de próprio punho pelo tabelião Francisco Pereira Machado, de S. João da Boa Vista, e endereçada por ela ao solicitador Manoel Carlos de Moraes Pessoa, ficamos sabendo que pouco depois da lavratura da escritura de Romualdo de Souza Brito, em 27 de dezembro de 1849, começou-se a construir a capelinha do Divino Espírito Santo, encarregando-se desse santo serviço o conhecido *Germaninho* (Germano Antônio Fernandes) velho fazendeiro do lugar — A escritura em questão referia-se à doação ao Divino de 40 alqueires de terras. Uma vibrante vida outrora ali deve ter pulsado, todos se empenhando a fundo na obtenção ou conquista de um objetivo comum, precioso e desejado. Viveram então, por certo, dias valiosos, fecundos, significativos.

A sede da fazenda de Romualdo ficava nas proximidades ou pelo menos não muito distante do local onde se erguia a dita capelazinha, hoje Largo da Matriz ou Praça da Independência. — Em 1851 fincaram-se seis esteios (estacas) para a edificação da pequena capela. A casa de Romualdo era uma das principais do lugarejo que nascia, carecendo ser barreada, nesse ano de 1851, o que foi feito depois pelo irmão do morador, o oficial-carpinteiro Domingos de Souza Freire. Outras casas da redondeza eram a de Joaquim Ferreira Gomes, a de Pedro Xavier, a *vendinha* de Rita Cardoso (irmã de Francisco Mendes, valentão do bairro), a do inspetor de quartelão José Quintino de Toledo; havia, também, as casinhas de Antônio de Souza Brito e Luiz de Brito, de Joaquim Pedrosa, perto do pátio, e a de José Justino. — Romualdo, Joaquim Correia e José Romualdo eram os protetores da capela, cuja feitura foi empreitada por duzentos mil réis; o empreiteiro de obras era o oficial Eleutério de Oliveira Prestes, a quem deveria ripar a capela, entrebeirá-la com caibros, travá-la, abaldramá-la, assentar portas e erguer um altar provisório. Esta obra foi iniciada em meados de novembro de 1851, sendo, um pouco mais tarde, paralisada (porém a capela já estava coberta e abaldramada em roda.) A seguir, o "patriarca Brito" (como se expressa o missivista de São João da Boa Vista) providenciou no sentido de que no dia de Natal — 25 de Dezembro de 1851 — ali fosse rezada missa — missas outras devendo ser celebradas até o dia de Ano Bom de 1852.

Muito labutaram, muito mourejaram, nesses dias distantes, Romualdo e seus dois irmãos, José Romualdo e Luiz. Fizeram o nicho da capela, fizeram um assoalho alto, servindo tudo para o altar provisório; "nesse altar o padre Manuel José de Faria disse as primeiras missas, nos dias 25, às 3 oitavas daquele tempo, 26, 27, e 28 até o dia 1.º de Janeiro de 1853, sendo ajudadas as missas por mim" (isto é, pelo tabelião e missivista já referido).

Erguia-se a modestíssima capela justamente onde hoje está a nossa imponente Igreja Matriz; o pátio em volta é atualmente a Praça da Independência, sítio, até 1851, juncado de entulhos, de tábuas, madeirame, ou paus de derrubada da mata, sem limpa alguma (pois o povo do lugar, por meio de mutirão, limpou o largo, usando, para isso, jantas de bois). — Improvisou-se uma cruz, fez-se uma cruz grande/ de um cedro dado por José Garcia; a cruz foi talhada pelo carapina Joaquim Serrador, a expensas do genitor do autor da carta cujos termos ora estamos seguindo. Antes da construção da capelazinha as gentes do povoado tinham que recorrer à freguesia de Mogi Guaçu, para a eventual administração dos sacramentos religiosos.

Assim — recapitulando — já em primeiro de janeiro de 1851 a capelinha do Divino estava pronta

e acabada, realizando-se nela os ofícios religiosos normais e regulares, tais como missas, batizados, encomendações e outros. O Padre era Manuel de Faria, vulgo "Chapéu de Junco".

Escreveu, textualmente, sempre entusiasmado, eufórico, o tabelião Francisco Pereira Machado, em sua importantíssima missiva de 30 de janeiro de 1887: "A ereção da capela é devida a Romualdo de Souza Brito, não só porque deu as terras, como porque muito concorreu com dinheiro e o mais que era possível, ajudado por José Romualdo, que se prestou de corpo e alma, sempre em ajudar a obra da capela, tendo também parte nesse serviço Joaquim Correia Gomes, que se prestava igualmente. Eis os primeiros princípios da capela de Pinhal, hoje cidade!!!"

Nos primórdios do povoado prestaram serviços os capelães José Bento da Costa e Tristão Carneiro de Mendonça.

Em 1870 o nosso bebedouro espiritual teve o seu primeiro pastor — o primeiro cura, o primeiro pároco, o primeiro vigário —, a saber: o Pe. José da Silva Macaré, figura ardentemente venerada pelos seus devotos paroquianos, vulto singularíssimo e que brilha nos anais pinhalenses como sendo o de um verdadeiro santo, padrão inimitável de virtude, piedade e caráter.

THEREZA MARIA DE JESUS

— Nisto tudo, parece ter ficado na sombra, na discreta obscuridade, um vulto absolutamente ímpar, compassivo e generoso de nossa história municipal: refiro-me à benemérita figura, por todos os títulos digna de veneração e respeito, de Dona Thereza Maria de Jesus, com quem o "grande pai", o patriarca Romualdo era afortunadamente casado em segundas núpcias. Bem claro está que seu nome há-de brilhar sobre os dos demais: fiel ao secular costume (mania?) de a mulher manter seu nome na sombra, conservar sua individualidade e sua atividade na obscuridade, ficando por baixo do nome e da personalidade do marido ou de seus familiares, Thereza Maria muitíssimo deve ter trabalhado — sabemos que trabalhou, sim — nas origens, nos dias iniciais da fundação de nossa cidade, pois era uma alma séria, um espírito religioso, uma alma bem-nascida e inteiramente voltada para as coisas da Igreja e da Religião.

Renderamos, pois aqui, de passagem, rolando mais de um século, nossas homenagens a Dona Thereza Maria de Jesus, legítima co-fundadora de nossa cidade, fundando-a juntamente com seu brioso e glorioso marido, o sempre lembrado e abençoado Romualdo de Souza Brito.

